



ISSN: 2230-9926

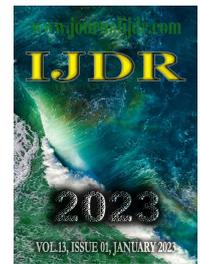
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 13, Issue, 01, pp. 61111-61117, January, 2023

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25810.01.2023>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

PAPEL DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM AUTISMO

Danielle Ribeiro Dias*¹, Joselita de Almeida Lacerda Rodrigues¹, Daniela Ponciano Oliveira², Victor Wilkson da Silva Santos Sousa¹, Tainá Floriano Teixeira¹, Rhuver Nazário Alves¹, Thaynna Alves César¹, Taiara Nascimento Reis¹, Daniela da Silva Faria Vieira³, Eleusa Duarte Araújo³, Laressa Mendes Mascarenha³, Mônica Monteiro da Costa³, Gleicy Rodrigues da Silva Sande¹ e Nara Rubia Marques Metzka³.

¹Psicólogos, graduados pela Universidade de Gurupi; ²Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, Docente do curso de Psicologia da UnirG; ³Discentes do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi.

ARTICLE INFO

Article History:

Received 02nd November, 2022

Received in revised form

14th November, 2022

Accepted 29th December, 2022

Published online 24th January, 2023

Key Words:

Autism, Family, Challenges, Psychological Follow-Up.

*Corresponding author:

Danielle Ribeiro Dias

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder is one of the disorders that has been most detected in the health area. Due to the challenges inherent to the disorder, the role of parents and school in the development process of these individuals has been debated. Seeking to delimit this scenario, the present study sought to detect the challenges encountered in the area of psychology aimed at parents when dealing with autistic children. Thus, this research aimed to analyze the role of the family in the development of children with autism. This is a topic of enormous relevance, since these individuals have their own development and articulation, which creates a challenge for parents. In the methodology, bibliographic research was used through a narrative review of the literature. Data collection was carried out using the Scielo and PubMed and LILACS databases. Of the 36 works selected from 2017 to 2022, 25 were selected and used in this study. In the results, it was evident that there are numerous challenges that parents have when dealing with autistic children. Denial of the diagnosis, adaptation, understanding of the disorder and financial costs are some of the examples. Still in this scenario, the role of the psychologist is fundamental, as it is up to him to encourage the family in decision-making, expose all the risks and benefits, identify the potential and needs of the autistic child.

Copyright©2023, Danielle Ribeiro Dias et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Danielle Ribeiro Dias, Joselita de Almeida Lacerda Rodrigues, Daniela Ponciano Oliveira, Victor Wilkson da Silva Santos Sousa et al. 2023. "Papel da família para o desenvolvimento da criança com autismo", *International Journal of Development Research*, 13, (01), 61111-61117.

INTRODUCTION

A discussão sobre o Transtorno do Espectro do Autismo tem sido pauta de inúmeros estudos científicos, uma vez que muitos são os que possuem esse transtorno e encontram dificuldades para dar prosseguimento ao tratamento adequado. Além de ter um difícil diagnóstico imediato para tal transtorno, a busca para um atendimento correto e efetivo tem se tornado um grande obstáculo para cientistas, educadores, pais, etc. (OLIVEIRA; POLETTI 2022). O autismo é uma palavra originária do grego "autos" que significa 'próprio' ou alguém retraído a si próprio. Por essa definição já se tem ideia de que a pessoa com autismo compreende o mundo de forma particular e cria para si uma forma única de viver e aprender (MERLLETI, 2018). Historicamente o autismo teve um longo desenvolvimento no seu entendimento e na formação do seu conceito. *A priori*, a respeito da sua criação, cabe citar: O termo "Autismo" foi nomeado pelo

psiquiatra Leo Kanner tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler em 1911. Bleuler utilizou o termo "autismo" para descrever o afastamento do mundo exterior observado em adultos com esquizofrenia, que tendem a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 447). Somente com os estudos iniciais de Kanner é que o autismo de fato começou a ser estudado de forma ampla pelas áreas da Ciência e Medicina, chamando a atenção de vários estudiosos sobre esse fenômeno. Foi também pelos estudos de Kanner que se primeiramente conceituou o autismo (GÓMEZ; TERÁN, 2014). Assim, esses estudos iniciais e o avanço dos conhecimentos sobre o autismo, contribuiu para que recentemente, o Manual de Saúde Mental – DSM-5 (2014) designasse o autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por esse manual, esse termo significa a presença de "déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, atualmente ou por história prévia". Ao relacionar esse transtorno de modo mais prático, Cavalcanti e Rocha (2017) aponta diversas características nas

crianças com autismo; a saber: Distúrbios de relacionamento: ausência do crescimento nos relacionamentos interpessoais e de contato visual, incluindo objetos inanimados. Há ainda uma falta de sorriso social e evidente falta de interesse em ser incluídos em jogos e brincadeiras. Distúrbios de fala e linguagem: crianças autistas possuem atrasos na fala e na maneira de se comunicar. A ecolalia é algo muito comum, estando ligada ao uso indevido do pronome pessoal. Na fala, quando ela é desenvolvida, é apresentada de forma arritmica, sem inflexão e incapacidade de comunicação apropriada às emoções. Distúrbios no ritmo e desenvolvimento: o ritmo mais comum é uma descontinuidade na ordem sequencial normal do desenvolvimento. A partir de um diagnóstico ou da identificação de sinais do Transtorno do Espectro do Autismo, é possível iniciar a intervenção e a orientação à família gerando ganhos significativos e duradouros no desenvolvimento da criança, garantindo assim uma vida mais autônoma e uma melhor qualidade de vida (LOPES, 2018). Nos dias atuais o autismo é concebido como “uma síndrome de múltiplas causas, onde estariam inter-relacionados o biológico e o anímico, a genética orgânica e a genética vincular durante todo o processo de constituição do ser” (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 468). Compreender o autismo, envolve também questões sobre o tratamento do transtorno e as dificuldades encontradas no âmbito social, bem como, sua relação no espaço familiar. Quando as reverberações do diagnóstico, ocorrem mudanças tanto antes, em que os pais começam a perceber alteração ou atraso no comportamento do filho, como após o diagnóstico (RIBEIRO, 2018). As mudanças na dinâmica e rotina familiar decorre, em grande parte, às necessidades de acompanhamento da criança para seu desenvolvimento, em que comumente um dos genitores muda ou deixa de trabalhar para acompanhar o filho com TEA, com impacto financeiro, nas relações familiares e sociais, bem como requerendo uma readaptação de papéis, assim a família terá que lidar com várias dificuldades, necessitando de uma rede de apoio familiar (KLINGER, et. al., 2020). Importante destacar que a discussão sobre os desafios e a realidade encontrada por aqueles que possuem o TEA é de suma importância. Dessa forma, estudos que vise aprofundar as dificuldades encontradas no contexto familiar da criança com autismo e como isso reflete no seu desenvolvimento se tornam ainda mais necessárias, porque auxiliará na compreensão dos desafios encontrados bem como na discussão sobre a temática (FILHO, 2018). Desse modo, o objetivo dessa pesquisa consiste em compreender a importância e o papel da família para o desenvolvimento da criança com autismo, através de uma revisão sistemática.

METODOLOGIA

Trata-se de revisão sistemática de literatura, realizada no mês de agosto de 2022. Galvão e Pereira (2014) nos explicam que a revisão sistemática da Literatura se trata de um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis. Partindo dessa premissa, a questão norteadora desse estudo fora: quais os desafios que a família encontra no desenvolvimento da criança com autismo?

Foram utilizados o Google Acadêmico, a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), consultas no Portal Regional da BSV – Informações e Conhecimento para a Saúde, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) especializados na publicação de artigos e etc., todos de domínio gratuito, tendo como palavras-chave: “Autismo”, “Família”, e “Apoio Psicológico”.

Quadro 1. Distribuição dos artigos selecionados, localizados e excluídos nas bases de dados eletrônicas – Brasil (2017 a 2022)

Bases de Dados	Localizados	Excluídos	Amostra final
Google Acadêmico	16	03	13
BSV	04	02	02
PePSIC	06	02	04
SciELO	10	04	06
Total	36	11	25

Fonte: Autoria própria, 2022

Os critérios de inclusão para a produção do trabalho se relacionaram aos períodos das produções literárias de 2017 a 2022. Com base nos requisitos para a coleta de dados, foi possível obter 36 referências categorizadas por idioma, tipo de publicação e que discorressem especificamente aos objetivos e após a aplicação dos critérios de exclusão, restaram 25 estudos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados por esse estudo, se referem as contribuições das famílias para crianças com autismo. Para melhor entendimento sobre os resultados encontrados, apresenta-se o Quadro 1; a saber:

Com base nos resultados encontrados o primeiro dado que nos chamou atenção foi que as pesquisas em sua maioria são de revisão bibliográfica. A partir do Quadro 2 é possível inferir que se for realizado um recorte de tempo dos últimos cinco anos de publicação, há um crescimento significativo de trabalhos que discorram sobre o impacto do autismo no ambiente familiar. Ainda que a escolha dos trabalhos seja limitada, percebeu-se que várias áreas (Educação, Psicologia, etc.) tem se debruçado em entender os efeitos do autismo na família. Com base nos estudos coletados para esse estudo, ficou claro inicialmente que é majoritário o entendimento de que crianças autistas no espaço familiar representa um enorme desafio para quem está inserido nesse âmbito.

De acordo com Cavalcanti e Rocha (2017) os pais são presenças fundamentais no desenvolvimento humano de indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista. São eles que irão acompanhar diariamente e continuamente o progresso dos seus filhos. Todos os estudos apresentados enfatizam a grande importância dos familiares na vida da criança ao receber o diagnóstico do autismo, pois eles serão suporte durante todo o processo de tratamento, favorecendo um desenvolvimento saudável e com um suporte emocional adequado.

O diagnóstico de autismo não afeta somente à criança, mas principalmente a sua família. No estudo de Cabral, Falcke e Marin (2021) que trouxe informações sobre o primeiro impacto do diagnóstico positivo para autismo, mostrou que apesar do diagnóstico confirmado, a maioria das pessoas busca estratégias de fuga na negação. O efeito do diagnóstico de uma doença pode permitir que as famílias passem pelas mesmas fases do luto, incluindo a negação. A culpa também pode existir entre os membros da família, especialmente os pais. Muitos pais se sentem culpados pelo diagnóstico de TEA em crianças, talvez por falta de conhecimento sobre o autismo. No estudo de Costa e Ferreira (2022) aduzem que ao receberem diagnóstico de autismo, os pais ficaram espantados e com raiva, sendo que muitos deles se sentiram culpados ou desesperançados.

Os autores mencionam o sentimento de frustração, medo e confusão de pais na descoberta do autismo, a necessidade de buscar especialistas e o enfrentamento do preconceito, o denominado luto. A pesquisa de Aguiar (2020), mostrou que o diagnóstico de autismo é atrasado devido ao baixo conhecimento e/ou habilidades dos profissionais médicos. A compreensão de que o diagnóstico de uma criança pode ter um impacto emocional negativo nos pais pode ser mitigada por meio de estratégias de enfrentamento e comunicação diagnóstica que forneçam informações técnicas, suporte emocional e esperança para o desenvolvimento da criança. Os pais precisam ser cuidados e cuidar de seus filhos durante todo o diagnóstico e durante todo o cuidado de alguém com TEA.

O diagnóstico ainda em fase inicial do transtorno faz toda a diferença para que o desenvolvimento da criança autista não seja comprometido.

Quadro 2. Artigos analisados na revisão bibliográfica sobre a temática

TÍTULO	AUTORES (ANO)	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
Autismo: impacto do diagnóstico nos pais. Jornal Brasileiro de Psiquiatria	AGUIAR, Marcia Cristina Maciel de Aguiar (2020)	Revisão da Literatura	Compreender como os pais reagem ao diagnóstico de autismo em seu filho, e a forma de como o diagnóstico foi revelado, bem como método pelo qual a pesquisadora percebeu esta comunicação.
Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras	CABRAL, Cristiane Soares, FALCKE, Denise e MARIN, Ângela Helena. (2021)	Revisão da Literatura	Investigar a relação entre a família e a escola no contexto da inclusão de crianças com TEA
Considerações sobre o autismo do ponto de vista psicanalítico	CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer (2017)	Dissertação	Avaliar o autismo sob o ponto de vista da Psicanálise.
Estimular o lúdico em crianças autistas a partir do auxílio dos games educativos	COSTA, Abigail Codeceira (2019)	Revisão sistemática e meta-análise da Literatura	Evidenciar as atividades lúdicas para serem aplicadas com alunos autistas.
O impacto do diagnóstico de autismo na família: revisão da literatura	COSTA, Julyana; FERREIRA, Gabriela (2022)	Revisão da Literatura	Analisar o contexto da revelação do impacto do diagnóstico de autismo na família, como o modo de compreender que a revelação diagnóstica do autismo se torna um momento complexo e desafiador para a família.
Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família	CUNHA, Eugênio. (2017)	Estudo de caso	Avaliar o trabalho do psicopedagogo na aplicação de práticas educativas com crianças autistas.
O lúdico no universo autista	DAGUANO, L. Q.; FANTACINI, R. A. F. (2018)	Revisão Sistemática da Literatura	Analisar o papel do lúdico no processo de aprendizagem de alunos autistas
Entendimento do espectro autista por pais/cuidadores – estudo descritivo	FILHO, Francidalma Soares Sousa et al. (2018)	Revisão sistemática de Literatura	Descrever sobre o entendimento que familiares e/ou cuidadores possuem sobre o autismo.
Autismo e Família: O Desenvolvimento da Autonomia de um Adolescente com Síndrome de Asperger e a Relação Familiar	LOPES, Claudio Neves (2018)	Revisão de Literatura	Avaliar o impacto da família no processo de desenvolvimento de um autista.
Inclusão de crianças autistas no contexto do ensino regular	MARIANO, L. M. A.; DONATO, T. T.; LIMA, A. O. M. N. DE (2020)	Revisão da Literatura	Avaliar medidas educativas de crianças autistas no ensino regular em época de pandemia.
O lúdico como facilitador na inclusão social de criança com autismo na primeira infância	MATOS, Maria de Lourdes; MATOS, Alcemar Antônio; SANT'ANNA, Nadir Francisca (2020)	Revisão sistemática de Literatura	Descrever o uso do lúdico como forma de inclusão de alunos com autismo.
Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais	MERLETTI, C. (2018)	Revisão sistemática da Literatura	Avaliar as ações que os pais podem fazer ao lidarem com filhos autistas.
Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família	MORAES, Anna Victória Pandjarjian Mekhitarian; BIALER, Marina Martins; LERNER, Rogério (2021)	Revisão de Literatura	Discutir, do ponto de vista da ética, alguns impactos que o autismo pode ter nas relações familiares.
A inclusão de uma criança com TEA na rede privada de ensino: um estudo de caso sobre a parceria escola/família	NASCIMENTO, Thamires Thayane Costa do. (2017)	Dissertação	Analisar a importância da relação entre família e escola no desenvolvimento educacional de criança com TEA.
Reflexões acerca da inclusão do aluno com autismo: relação família/escola	OLIVEIRA, Fábio de Araújo; POLETTO, Lizandro (2022)	Revisão da Literatura	Analisar, e entender as dificuldades do ingresso de alunos autistas na escola por meio de socialização e delimitação de ensino, com crianças de TEA Transtorno do Espectro Autista.
O lúdico na aprendizagem de um educando autista	PEREIRA, Juliete Helena Mendes da Silva (2017)	Estudo de Caso	Avaliar o impacto do lúdico no processo de aprendizagem de um aluno autista
Um olhar sobre o autismo: inclusão escolar, conceitos e discussões	RIBEIRO, Tatiana de Farias Ramos (2018)	Dissertação	Discorrer sobre a inclusão de uma criança autista no contexto escolar.
Por dentro da linguagem lúdica do autismo: políticas e práticas no ensino fundamental	ROCHA, Sandra Marthina Chacon da. (2018)	Dissertação	Descrever práticas lúdicas que melhor pode ser trabalhada com alunos autistas no ensino fundamental.

.....Continue

Eixo Temático: A Relação entre Tecnologia e Autismo: Contribuições para pensar o processo de Ensino-Aprendizagem	RODRIGUES, Daniele Fernandes (2019)	Revisão da Literatura	Avaliar a relação entre a tecnologia aplicada ao contexto do autismo no processo de aprendizagem.
Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas	SHAW, Gisele Soares Lemos (2021)	Revisão da Literatura	Investigar as possíveis relações entre família, escola e especialistas no desenvolvimento de autistas.
Educação Inclusiva: O Autismo e os Desafios na Contemporaneidade	SILVA, Fabiana de Lima da; FRANÇA, Aurenia Pereira de; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio (2019)	Revisão da Literatura	Avaliar os desafios atuais do autismo.
Inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista através do lúdico com foco na educação infantil	SILVA, Kéttima Rodrigues; MENEZES, Ronny Diogenes de. (2020)	Revisão sistemática da Literatura	Analisar o impacto do lúdico no processo de inclusão de crianças autistas.
O lúdico dos jogos e das brincadeiras no ensino inclusivo de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)	SILVA, Maria Daiane et al. (2019)	Estudo de Caso	Observar o uso de jogos e brincadeiras como prática de ensino de crianças autistas.
Práticas musicais desenvolvidas no formato remoto para alunos com deficiência do programa Esperança Viva	SOUZA, Catarina Shin Lima de; SANTOS, Alison dos. (2020)	Estudo de Caso	Avaliar o impacto de práticas lúdicas com música para alunos autistas
Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista	SOUZA, Rachell Fontenele Alencar de Souza; SOUZA, Júlio Cezar Pinto (2021)	Revisão da Literatura	Verificar os enfrentamentos sociais das famílias com filhos autistas.

Fonte: Autoria própria (2022)

Nesse sentido, Filho et al. (2021) acentuam que quando ocorrem intervenções precoces e adequadas, principalmente com a participação da família e da escola, a maioria das crianças com TEA se beneficia, podendo apresentar um ou mais comportamentos disfuncionais apenas por breves períodos de tempo ou em situações específicas, além de serem capazes de utilizar suas habilidades intelectuais para avançar em níveis acadêmicos. Merletti (2018) afirma que aceitando ou não o diagnóstico de TEA, a família tem que lidar com sintomas provenientes do transtorno que podem surgir, tais como: heteroagressão ou autoagressão, agitação, comportamento positivo, insônia e problemas para se alimentar. Na pesquisa de Oliveira e Poletto (2022) indicou que comportamentos frequentes de crianças com TEA foram classificados por seus pais como difíceis, desafiadores e geradores de estresse no cotidiano da família. Também foram mencionadas birras e agressões incontroláveis, além de episódios de destruição de coisas da casa e violência. Porém, muitos desses comportamentos, conforme explicou o autor, são desencadeados devido a dificuldades geradas por conta de hipersensibilidade sensorial ou ocasião de mudanças de rotina ou de ambiente não antecipadas às pessoas autistas, problemas esses que podem ser evitados pela adoção de rotinas estruturadas, ajustes domésticos e alerta. Além da dificuldade de aceitação e convivência, o aspecto financeiro também foi mencionado nos estudos coletados. Na pesquisa de Souza e Souza (2021) demonstrou que muitas mães de autistas tiveram que deixar seus empregos, apesar dos gastos recorrentes com tratamentos de sintomas de TEA, cuidados e pagamento de danos. Além do lazer e da saúde dos pais serem afetados pelo excesso de demandas e falta de cuidados consigo, gerando privação de sono, baixa energia e insônia. As dificuldades apresentadas pelos pais frente ao processo de aceitação decorrem muitas vezes, da dificuldade de entendimento das características da criança com TEA.

Shaw (2021) destaca a importância de que os familiares estejam abertos à aprendizagem, respeitando limites e expectativas das crianças autistas, dando-lhes autonomia e capacidade de fazerem escolhas. Dado que cada autista possui características próprias, é preciso que a família desenvolva flexibilidade para aprender com essas especificidades. Uma vez superado o diagnóstico, a família deve ser uma colaboradora. Lopes (2018) traz em seu estudo os principais tipos de colaboração nesse contexto: cuidar do indivíduo, incentivar, promover o desenvolvimento da autonomia, realizar mediação

escolar, gerenciar o desenvolvimento físico e psíquico do indivíduo, administrar terapias, complementar essas terapias no âmbito doméstico, dialogar com a escola e com especialistas e permitir visão integral do indivíduo.

De acordo com Nascimento (2017), o cuidado com a criança autista deve ser compartilhado entre a família e a escola e deve auxiliar na redução de sintomas do TEA e no desenvolvimento da autonomia da criança. Na conclusão dessa pesquisa ficou claro que as famílias que incentivaram a autonomia de seus filhos foram as que os mantiveram em escolas regulares no percurso escolar, e as que mais ajudaram em seu processo de adaptação ao ensino e no desenvolvimento na aprendizagem. Desta forma, outro ponto muito importante nesse cenário é a relação do aluno autista e a Educação. Muitos estudos são enfáticos em afirmar que a escola e a família, juntas, são fundamentais para que a criança autista tenha um desenvolvimento sadio e satisfatório. A educação assim como a Escola Inclusiva são uma importante medida para incluir os alunos com necessidades especiais - vide os autistas - na escola de forma adequada.

O papel da escola e da família nesse processo de inclusão é fundamental, pois ajudam esse aluno a se socializar melhorando o seu rendimento escolar (SILVA; FRANÇA; SOBRAL, 2019). Nos dizeres de Cavalcanti e Rocha (2017) o aluno autista não deve deixar de frequentar a escola enquanto realiza o seu processo de reabilitação. Ao contrário, a família e os educadores, segundo esse autor, devem estimulá-lo a participar de todas as atividades curriculares, porque o contato com seus colegas e professores contribui com a reabilitação e gradativamente com a inclusão escolar. Essa relação entre escola e família ficou ainda mais evidente em razão da pandemia provocada pela Covid-19. Em meados do fim do ano de 2019 houve o início de um contágio de um novo vírus: o denominado Coronavírus. Isso ocorreu mais especificamente na China. O que até então parecia ser um problema local, foi sendo disseminado para outros países orientais, e posteriormente foi se expandindo por todo o planeta, tornando-se assim uma pandemia (OPAS, 2020). Desde então, escolas e demais instituições de ensino a aplicarem aulas remotas. Com isso, o ensino presencial físico foi substituído pelos meios digitais. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial foi “substituída” por uma presença digital numa aula online.

Ocorre que em razão dessa situação, os pais tiveram que estar mais presentes dos filhos autistas nas aulas remotas. Estudos apontaram que existe uma dificuldade que alunos autistas possuem em realizar atividades educativas remotas juntamente com seus pais. Isso decorre pelo fato de que eles não conseguem identificar o pai ou a mãe como professores. E isso se deve, em parte, por pais e mães de filhos autistas não têm o preparo necessário para assumir a função de participe do processo socioeducacional. Abordando sobre esse tema em específico, Costa (2019) argumenta que o isolamento social imposto pela pandemia fez crescer a pressão sobre os pais de filhos autistas, porque além do medo da doença e da morte, das consequências econômicas da pandemia e das mudanças psicológicas, nesses casos há ainda outros fatores que pioram a situação, como por exemplo, a falta de auxílio de funcionários, acompanhantes ou empregadas domésticas.

Consequentemente é facilmente possível encontrar pais cansados, tristes, desanimados e angustiados. Mariano et al. (2020) acrescenta que para os pais que não tinham o costume de auxiliar os filhos autistas na escola, uma vez que entendem que a escola e os professores devem assumir esse papel em absoluto, as aulas remotas têm sido um processo desafiador, porque os obriga a participarem de todo o processo de aprendizagem. Em alguns casos, é possível encontrar o abandono escolar. Portanto, fica evidente constatar que a pandemia não afeta somente aos alunos autistas, mas também aos seus pais. É um período de extrema tensão e de incerteza sobre o futuro, ainda que haja a certeza de que será passageiro. Em contrapartida, aqueles que assumem o papel de auxílio e de comprometimento, encaram os desafios impostos pelas aulas remotas como algo natural, em razão do período de pandemia. Nessas situações, entendem eles, é melhor ter a educação sendo realizada através de aulas remotas dentro de casa do que na escola, onde há o risco de contágio da doença. Diversos estudos científicos têm se debruçado em traçar medidas que podem ser realizadas pelos pais, juntamente com os professores e a escola para que essa situação não se torne ainda mais ruidosa. *A priori*, a primeira medida a ser feita é o aumento da atenção ao aluno autista. Nesse ponto, Rodrigues (2019) entende que tanto o professor quanto os pais precisam estender um olhar mais atento sobre o indivíduo autista, nesse momento em que a convidam a realizar atividades e ainda avaliar o resultado dos exercícios. O supracitado autor acrescenta ainda que os pais nas aulas remotas, devem sempre observar a criança, verificando se a atividade está sendo feita de modo correto e prazeroso. Também é preciso não pular etapas, concedendo o tempo necessário para a realização de cada atividade (RODRIGUES, 2019). Outro ponto também importante, é o uso do lúdico no processo de ensino de alunos autistas. Conceitualmente, a atividade lúdica pode ser entendida como toda e qualquer animação que tem como objetivo dar prazer e entretenimento a quem pratica. São atividades que proporcionam a experiência completa do momento, ligando o ato ao pensamento e ao sentimento (ROCHA, 2018). Desta feita, é através do lúdico que a criança aprende a dar significado a tudo ao seu redor, descobrindo o mundo e expressando os seus sentimentos, ideias e fantasias. No exercício lúdico, o mais importante é o momento vivido, o aqui e o agora e não apenas o produto da atividade. No trabalho de Silva; Menezes (2020) ficou apontado que a intervenção lúdica pode contribuir para o processo de inclusão de crianças com TEA. Nos estudos de Rocha (2018) os resultados apontam que as metodologias lúdicas promovem aprendizagem de modo significativo e estimulam a criatividade, o raciocínio, a imaginação e autonomia da criança autista. Práticas pedagógicas devem priorizar as atividades lúdicas, oferecendo um ambiente inclusivo e propício ao acolhimento e socialização da criança autista. Para Pereira (2017), o lúdico é uma peça primordial para gerar uma aprendizagem segura, mais dinâmica e prazerosa para uma criança, principalmente quando se trata de um aluno autista. Os jogos, brinquedos e brincadeiras são ferramentas presentes e usadas de forma ativa pelos profissionais da educação para estimular, repassar conceitos e conhecimentos e proporcionar a aprendizagem sobre regras e convívio em grupo. Dessa forma, contribuirão para melhor desempenho do autista e para a integração das várias dimensões do seu conhecimento afetivo, motor, cognitivo e social.

Ao investigar o papel dos jogos e das brincadeiras (atividades lúdicas) no processo de aprendizagem de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA), Silva et al. (2019) concluiu que as atividades lúdicas devem ser vistas como um instrumento de intervenção no mundo, de tal modo que, essa ferramenta deveria complementar o fazer pedagógico dos educadores, sobretudo, daqueles que buscam ir além da criatividade e do dinamismo para promover a inclusão no lócus escolar. O uso dos jogos e brincadeiras no viés lúdico é um fator fundamental para que se frutifique a inclusão de um aluno com TEA de forma mais efetiva. Matos; Matos; Sant'anna (2020) aduzem que o lúdico traz a proposta de facilitador no papel da inclusão social da criança, onde o brincar faz parte da realidade da maioria e também oferece condição favorável por meio do manuseio do brinquedo e a interação social da criança neste meio infantil. Observa-se que a utilização do lúdico durante a educação infantil é essencial no desenvolvimento, interação e inclusão das crianças com TEA. Um dos principais pontos a serem discutidos sobre esse tema diz respeito aos meios utilizados em sala de aula (ou fora dela) para que a atividade lúdica faça efeito. Em outras palavras, que atividades são melhores vistas para se trabalhar com alunos com TEA. Nesse sentido, Costa (2019) aponta que os jogos simbólicos e as brincadeiras de faz de conta costumam fazer bastante sucesso entre as crianças com TEA. A presente autora cita como exemplo, a leitura de um livro. Nessa atividade, o professor pode solicitar que os alunos representem a história narrada através de uma pintura coletiva, ou levá-las para explorar o pátio da escola, sentir a textura da areia e outros objetos. Em outro exemplo, nas brincadeiras de faz de conta, as crianças com desenvolvimento típico geralmente atribuem a um objeto características de outro, como por exemplo, uma garrafa plástica pode virar um avião, um barco, ou o que a criança quiser, dependendo da imaginação; ou atribui a um objeto outras funções diferentes das que realmente possui, criando cenas imaginárias e representando-as (COSTA, 2019). Nesse contexto, Souza e Santos (2010) menciona os estudos da pesquisadora Maria Montessori (1965). Para essa teórica, as crianças respondem a um ambiente tranquilo e ordenado, em que tudo tem seu lugar definido, pois as crianças aprendem a controlar seus movimentos. Em seu método foca-se sobretudo, na autonomia e na liberdade, com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança. Os materiais compreendem quebra-cabeças, letras em madeira ou lixa, diferentes alfabetos para compor palavras, formas variadas de barras de contagem, algarismos em lixa e madeira, conjuntos de contas coloridas, entre outros. Tal realidade desperta o interesse da criança com TEA, já que elas gostam de tocar e sentir os objetos, de maneira concreta, revelando a importância de Maria Montessori na compreensão do aprendizado dessas crianças (SOUZA; SANTOS, 2020). Especificamente aos alunos com TEA, os materiais que são projetados para trabalhar diferentes sensações são: audição (brinquedos musicais como assobios, carrilhões, flautas, bateria etc.); o olfato (materiais de cozinha, alimentos, perfumes, plantas, etc.); a visão (brinquedos de diferentes tamanhos, formas, cores etc.) e o tato – brinquedos com diferentes texturas e formas diferentes, bem como diferentes temperaturas (DAGUANO; FANTACINI, 2018).

Insta salientar que ao realizar as atividades lúdicas é necessário observar determinados procedimentos. Nesse ponto, Cunha (2017) afirma que o professor deve convidar a criança com TEA, chamando-a pelo nome, e dizer a ela o que será realizado naquele momento. Em seguida, tudo deverá ser nomeado e realizado primeiramente pelo professor, depois pela criança. Caso ela tenha dificuldade em realizar, o professor deverá auxiliá-la, procurando sempre atrair a atenção dela. Ainda de acordo com Cunha (2017) é preciso que se desenvolva um currículo adaptado para um aluno com TEA com base na observação e avaliação, para que sejam detectadas quais habilidades e saberes ele necessita conquistar. Ele deve desenvolver aptidões básicas, motoras e acadêmicas. Em uma criança com desenvolvimento típico, geralmente não se avalia alguns detalhes como, por exemplo, o contato ocular, a interação espontânea, as respostas e os estímulos afetivos. Em crianças com TEA, as habilidades naturais devem ser priorizadas. Paralelo a esse cenário, encontra-se o trabalho do profissional de Psicologia nessa relação. O psicólogo nesse contexto é de fundamental importância porque irá auxiliar os pais a melhor

trabalharem o desenvolvido dos seus filhos autistas. Para Ribeiro (2018) é importante que a família busque se integrar em redes de apoio, que busque suporte psicológico para todos os membros, devido ao estresse familiar desencadeado pela presença do transtorno no grupo. Ao discorrer sobre esse ponto, Moraes, Bialer e Lerner (2021) destacam que é comum que familiares de crianças com TEA se deparem com situações que geram estresse e ansiedade, podendo desenvolver depressão, inclusive o que, por vezes, ocorre com irmãos de autistas, que frequentemente não recebem a devida atenção. Assim, além de dividir o trabalho do cuidar e do educar com a escola, a família deve gerenciar terapias com a criança e o tratamento psicológico de seus membros. Segundo Nascimento (2017) além de auxiliar familiares e educadores a promoverem uma visão mais sistêmica do ser autista, o psicólogo (juntamente com uma equipe multidisciplinar) deve ser responsável por colaborar com diversas questões, desde a realização precisa do diagnóstico, a partir da utilização de métodos de rastreio adequados, em auxiliar os pais a superarem a negação do diagnóstico e até na realização das terapias. Além do mais, o profissional de Psicologia pode colaborar no desenvolvimento da pessoa autista a partir da facilitação de vínculos entre pais, crianças e escola. Souza e Souza (2021) incentivam o papel do psicólogo, que pode ser mediador da relação família, escola, analista, num lugar de invenção de soluções. No estudo de Costa e Ferreira (2022) ficou claro constatar que cabe ao psicólogo encorajar a família na tomada de decisão, expor todos os riscos e benefícios, identificar as potencialidades e necessidades da criança. É dever do profissional também promover e compartilhar todas as informações referentes à criança e sua condição de saúde. Ele deve dialogar e colaborar com a família, dar suporte e escutar todas suas expectativas. Cabe o profissional respeitar as crenças, o modo com a família enfrente as situações e aceite as diferenças de opinião e julgamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A O transtorno do Espectro Autista é um dos transtornos que mais tem sido detectado nas áreas da psicologia e da educação. Por essa razão, discutir sobre esse fato se torna fundamental. A partir de um diagnóstico ou da identificação de sinais do Transtorno do Espectro do Autismo, é fundamental que todos os atores envolvidos no ambiente do aluno (pais, professores, amigos, escola, etc.) estejam preparados para atender às suas especificidades. Crianças autistas são plenamente capazes de terem um ótimo desenvolvimento físico, social, psicológico e de aprendizagem. No campo da educação, por exemplo, todos os atores envolvidos no processo educacional do aluno autista devem participar. Pais, docentes, escola e também a sociedade, precisam estar disponíveis rotineiramente no auxílio ao aluno autista no processo de aprendizagem. No entanto, os desafios enfrentados pelas famílias com crianças autistas são inúmeros. Como demonstrado no decorrer desse estudo, o processo de recebimento do diagnóstico, principalmente para os pais, é dificultado pela falta de compreensão do autismo, reforçando a necessidade de melhor apoio, atenção e orientação para o conceito de autismo. É fundamental que os psicólogos encorajem os membros da família a tomar decisões e a falar sobre todos os riscos e benefícios. Estes profissionais também devem divulgar todas as informações sobre a criança e sua saúde e também devem trabalhar com as famílias, dialogar e ouvir suas expectativas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marcia Cristina Maciel de Aguiar. Autismo: impacto do diagnóstico nos pais. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 2020, v. 69, n. 3, pp. 149-155.
- ALMEIDA, Caroline Martins de; ALBUQUERQUE, Karine. Autismo: Importância da Detecção e Intervenção Precoces. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 02, Vol. 01. pp 488-502, Abril de 2017.
- BRASIL. Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- CABRAL, Cristiane Soares, FALCKE, Denise e MARIN, Ângela Helena. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 2021, v. 27, e0156.
- CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. Considerações sobre o autismo do ponto de vista psicanalítico. Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem, no Recife, especializada em crianças com autismo, 2017.
- COSTA, Abigail Codeceira. Estimular o lúdico em crianças autistas a partir do auxílio dos games educativos. IV Congresso Nacional de Educação – CONEDU. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2019.
- COSTA, Julyana; FERREIRA, Gabriela. O impacto do diagnóstico de autismo na família: revisão da literatura. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de graduação em Fisioterapia do Centro Universitário Una Divinópolis. Divinópolis, 2022.
- CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.
- DAGUANO, L. Q.; FANTACINI, R. A. F. O lúdico no universo autista. *Linguagem Acadêmica*, Batatais, v. 1, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2018.
- FILHO, Francidalma Soares Sousa et al. Entendimento do espectro autista por pais/cuidadores – estudo descritivo. *Rev. Cient. Sena Aires, Goiânia*, v. 07, n.2, p. 105-116, 2018.
- GALVÃO, Tatiana F. PEREIRA, Maria G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183-184; 2014.
- GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. Transtornos de aprendizagem e autismo. Cultural, S.A, 2014.
- KLINGER EF, OLIVEIRA DP, LOPES HB de, MENESES IC de, SUZUKI, JS Dinâmica Familiar e Redes de Apoio no Transtorno do Espectro Autista. *Revista Amazônia Science & Health*, 2020.
- LOPES, Claudio Neves. Autismo e Família: O Desenvolvimento da Autonomia de um Adolescente com Síndrome de Asperger e a Relação Familiar. *Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 5, n.1, p. 53- 66, Jan -Jun. 2018.
- MARIANO, L. M. A.; DONATO, T. T.; LIMA, A. O. M. N. DE. Inclusão de crianças autistas no contexto do ensino regular. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 5, n. 9, p. 363-377, 7 set. 2020.
- MATOS, Maria de Lourdes; MATOS, Alcemar Antônio; SANT'ANNA, Nadir Francisca. O lúdico como facilitador na inclusão social de criança com autismo na primeira infância. Ações e implicações para a (ex)inclusão 3. Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
- MERLLETI, C. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. *Psicologia USP*, 29(1), 146-151. 2018.
- MORAES, Anna Victória Pandjarjian Mekhitarian; BIALER, Marina Martins; LERNER, Rogério. Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família. *Psicologia em Estudo*. 2021, v. 26, e48763.
- NASCIMENTO, Thamires Thayane Costa do. A inclusão de uma criança com TEA na rede privada de ensino: um estudo de caso sobre a parceria escola/família. 2017. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2017.
- OLIVEIRA, Fábio de Araújo; POLETTO, Lizandro. Reflexões acerca da inclusão do aluno com autismo: relação família/escola. *Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate*. v. 8, n. 1, jan./dez. 2022.
- PEREIRA, Juliete Helena Mendes da Silva. O lúdico na aprendizagem de um educando autista. Apresentação de monografia à AVM como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Psicopedagogia. Rio de Janeiro, 2017.
- RIBEIRO, Tatiana de Farias Ramos. Um olhar sobre o autismo: inclusão escolar, conceitos e discussões. 2018. 33 f. Trabalho de

- conclusão de curso de graduação em Pedagogia –Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.
- ROCHA, Sandra Marthina Chacon da. Por dentro da linguagem lúdica do autismo: políticas e práticas no ensino fundamental. Monografia (Graduação) - UFPB/CE. João Pessoa, 2018.
- RODRIGUES, Daniele Fernandes. Eixo Temático: A Relação entre Tecnologia e Autismo: Contribuições para pensar o processo de Ensino-Aprendizagem. Anais do I Congresso Nacional de Práticas Inclusivas: mediações e aprendizagens. CONAPI, 2019.
- SHAW, Gisele Soares Lemos. Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas. Perspectivas Em Diálogo: *Revista De Educação E Sociedade*, 8(16), 183-201. 2021.
- SILVA, Fabiana de Lima da; FRANÇA, Aurenia Pereira de; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. Educação Inclusiva: O Autismo e os Desafios na Contemporaneidade. Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2019, vol.13, n.48, p. 748-762. ISSN: 1981-1179.
- SILVA, Kéttima Rodrigues; MENEZES, Ronny Diogenes de. Inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista através do lúdico com foco na educação infantil. *Iniciação & Formação Docente*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 544 a 553, out. 2020.
- SILVA, Maria Daiane et al. O lúdico dos jogos e das brincadeiras no ensino inclusivo de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). *Research, Society and Development*, ISSN-e 2525-3409, Vol. 8, N° 4, 2019.
- SOUZA, Catarina Shin Lima de; SANTOS, Alison dos. Práticas musicais desenvolvidas no formato remoto para alunos com deficiência do programa Esperança Viva. *Revista Extensão & Sociedade*, v. 11, n. 2, 17 dez. 2020.
- SOUZA, Rachell Fontenele Alencar de Souza; SOUZA, Júlio Cezar Pinto. Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista. Perspectivas Em Diálogo: *Revista De Educação E Sociedade*, 8(16), 164-182. 2021.
